Luigi Lorenzi:
Martír Católico e Fascista

Luigi Lorenzi
Martír Católico e Fascista

Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

4 de maio de 1945, o martírio do jovem segundo-tenente da G.N.R. Luigi Lorenzi[1]

A história que vamos contar nesta publicação é uma daquelas que fizemos questão de verificar para confirmar se era verdadeira, tamanhas eram a monstruosidade e a crueldade dos fatos, que mal conseguíamos acreditar que algo assim pudesse realmente ter acontecido. O desafortunado protagonista da história que vamos narrar é um jovem de apenas 20 anos, da província de Bérgamo: o segundo-tenente da Guarda Nacional Republicana **Luigi "Gino" Lorenzi**.

Naquele dia trágico, 4 de maio de 1945, ele havia completado 20 anos havia pouco tempo, pois nasceu em 14 de janeiro de 1925. Filho de seu tempo, nascido em pleno período fascista, em 1944 responde ao chamado da Pátria e é admitido no curso de formação de oficiais da G.N.R., criada para controlar o território e que havia reunido as forças dos Carabineiros Reais, da Milícia e da Polícia da África Italiana. Ao concluir o curso, realizado na **Escola de Alunos-Oficiais de Oderzo**, é nomeado segundo-tenente e, em seguida, designado para o Comando Provincial de Treviso.

Em 28 de abril de 1945, em Oderzo (TV), na presença do pároco, o abade Domenico Visentin, as unidades da República Social presentes na região acertam com o C.L.N. o cessar-fogo e a deposição das armas, e este lhes concede o salvo-conduto necessário para voltarem para casa. Entre os que receberam o documento está também o jovem oficial, que então parte em direção à sua cidade natal na companhia de seus homens, todos desarmados. Contudo, nas proximidades de Ponte di Piave

1 Fonte: https://italianiinguerra.wordpress.com/2020/05/04/il-martirio-del-sottotenente-della-guardia-nazionale-repubblicana-luigi-lorenzi/

(TV), uma patrulha de partisans da Garibaldi, comandada pelo famigerado "Falco" — pseudônimo de Gino Semionato —, captura-os e os encerra na prisão de Breda di Piave, em flagrante violação do acordo.

Ali se realiza o habitual julgamento de fachada, que termina, naturalmente, com a condenação à morte de todos os "réus". Em seguida, eles são conduzidos às instalações da **fábrica de papel Burgo, em Mignagola**, na província de Treviso, onde os partisans haviam improvisado um campo de detenção para os antigos integrantes da República Social. Naqueles dias, a fábrica de papel se transformaria em um verdadeiro campo de extermínio, onde dezenas de fascistas, ou supostos fascistas, encontraram a morte. A "justiça partigiana" começa a fazer as metralhadoras crepitarem, sem sequer conceder o conforto de um sacerdote: todos os capturados naqueles dias são mortos, com exceção de Luigi Lorenzi.

O jovem, culpado de ter lutado até o fim, trazia no pescoço uma pequena imagem sacra com uma efígie religiosa, e por isso os partisans lhe propõem renunciar à fé como alternativa à crucificação. É justamente nesse momento que se revela a fibra do jovem oficial da unidade "M" de assalto "Romagna", que, sem tremer nem implorar clemência, limita-se, antes de ser pregado como Jesus Cristo, a pronunciar uma frase digna de um mártir cristão de séculos passados:

"Morro como Nosso Senhor na cruz. A cruz que Jesus Cristo carregou não pode amedrontar um cristão."

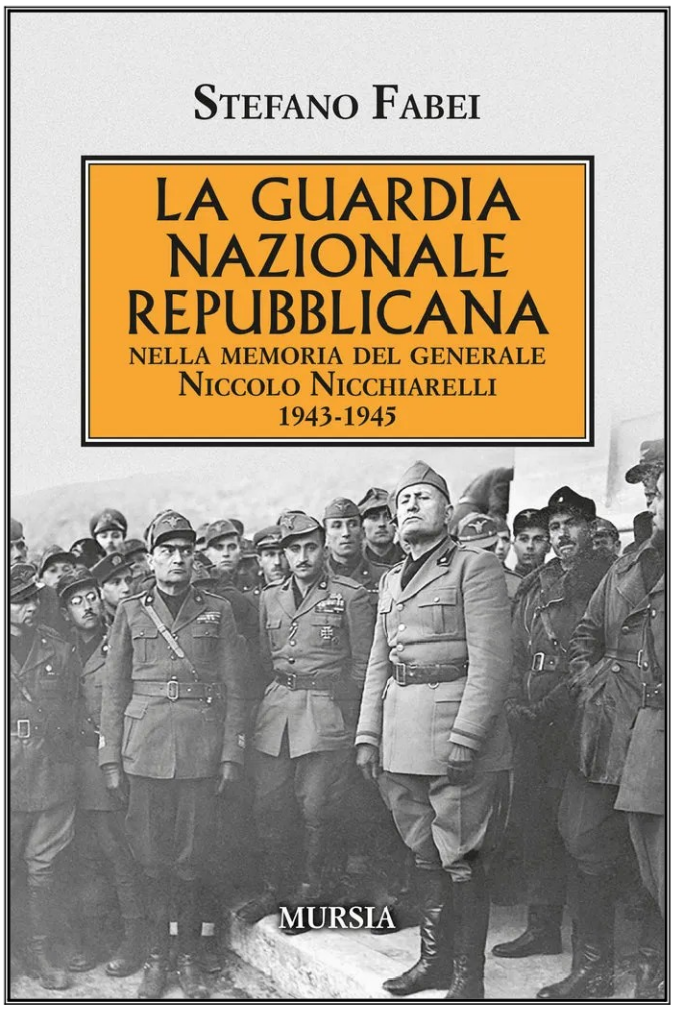
Dito isso, abre os braços e se oferece em sacrifício. Assim, depois de ser horrivelmente pregado pelas mãos e pelos tornozelos, com grandes cravos, a uma cruz rudimentar feita de dois galhos, é açoitado e abandonado em meio a sofrimentos atrozes, até ser devorado pelas raposas. Gino, aos 20 anos, morre. É 4 de maio de 1945.

Sua crucificação, infelizmente, não foi um episódio isolado, mas apenas um entre uma longa e sangrenta série de casos semelhantes. As cenas da Via-Sacra se repetiram, com muitos outros "derrotados" pregados a tábuas rudimentares, entre eles o **capitão da G.N.R. Mario Corticelli**,

crucificado sobre uma mesa de taverna em Stellaneto (SV), e o **segundo-tenente Walter Tavoni**, crucificado na porta de uma casa rural.

O comandante “Falco” e seus seguidores, que permaneceram impunes no pós-guerra por dezenas de homicídios dolosos, foram absolvidos por um tribunal da República nascida da Resistência, por meio da sentença de 24/06/1954, porque os crimes que lhes eram imputados haviam sido extintos pela anistia Togliatti, uma vez que foram cometidos na “luta contra o fascismo”. O corpo martirizado de Luigi Lorenzi repousa no Campo da Memória do cemitério de Bérgamo.

Para quem quiser conhecer mais a fundo a história da Guarda Nacional Republicana, recomendamos o livro La Guardia Nazionale Repubblicana: nella memoria del generale Niccolò Nicchiarelli. 1943-1945, que se vale do testemunho do cônsul-geral Niccolò Nicchiarelli, comandante da 63ª Legião CC.NN. motorizada Tagliamento entre julho de 1941 e junho de 1942 e, durante a República Social, chefe do Estado-Maior da Guarda Nacional Republicana. A seguir, reproduzimos a resenha oficial do livro.



Entre as forças armadas da RSI, a Guarda Nacional Republicana foi a primeira a ser criada e uma das mais numerosas. Nela foram incorporados os Camisas-Negras da Milícia e os Carabineiros, diferentes entre si em suas convicções políticas e tradições. O resultado foi, como afirmou Rodolfo Graziani, "uma união híbrida e, naturalmente, malsucedida". Ainda assim, a G.N.R., primeiro sob as ordens de Renato Ricci e depois do Duce, procurou cumprir suas funções, entre as quais se destacava o controle do território. É o que revela o relato de Niccolò Nicchiarelli, que, encarregado em 1943 de apresentar um projeto para a criação da Guarda, tornou-se seu vice-comandante no verão de 1944, na condição de chefe do Estado-Maior de Mussolini. Nessa função, procurou proteger os Carabineiros dos planos de eliminação concebidos pelos alemães com o apoio dos fascistas intransigentes, que consideravam a Benemérita fiel ao rei traidor. Para Nicchiarelli, porém, essa força, "a única força policial disciplinada e tecnicamente preparada" disponível, deveria ser preservada para proteger o território nacional após o fim do fascismo e garantir a continuidade do Estado, independentemente de sua orientação política. A G.N.R. tinha absoluta necessidade dos Carabineiros para desempenhar as funções institucionais que os antigos integrantes da Milícia ainda não conheciam nem estavam devidamente preparados para exercer.

Agradecemos por terem lido nossa publicação e, na esperança de que tenham gostado e queiram continuar nos acompanhando, despedimo-nos e marcamos encontro na próxima.

✠ Camarada Luizi Lorenzi, Rogai por nós. ✠